

VAN
DOG

A. PILAR

www.vdcartoons.blogspot.com



CRÓNICA

CÁ POR MIM

Alice Vieira



A LISTA

Recebi ontem um postal de um amigo muito querido, que anda agora por terras de Espanha. Três linhas, não mais - mas o suficiente para me iluminar o dia que, diga-se, andava assim um bocado para o fusco.

Penso muitas vezes no que seria de mim sem esta presença constante dos amigos.

Amigos que escrevem cartas e postais: o Manel ensina-me o nome de todas as plantas que cultiva lá em A-dos-Negros, acho que ainda não perdeu a esperança de me ver ingressar no clube dos jovens agricultores; a Cristina manda-me desenhos e a luz da ria vem com eles; a Marina descobre verdadeiras preciosidades do tempo em que que éramos crianças; o António manda postais de todos os lugares onde faz exposições; o Eduardo fala-me do seu Porto que ele tão bem fotografou; etc...

Amigos que telefonam às horas mais improváveis - sem terem nada de transcendente para me dizer... Amigos que me trazem pedras ou conchas ou folhas dos lugares por onde andaram, porque sabem que essas são as verdadeiras prendas, as que não têm preço, as que possuem real significado, as que guardo para sempre.

Claro que lhes pago na mesma moeda - porque tem de haver sempre tempo para um amigo, se não nos quisermos arriscar a um dia acordarmos e verificarmos que estamos sozinhos.

Procuramos então os amigos... e qu'ê deles?

Então depois começam as lamúrias, aí que ingratos, aí que insensíveis, aí que isto, aí que aquilo - sem nos perguntarmos se a culpa também não terá sido nossa.

Porque uma boa rede de amigos prepara-se com antecedência (naquele tempo em que pensamos que vamos ser jovens para sempre...), cultiva-se, aumenta-se, se possível. Não tem explicação a quantidade de amigos que fiz nestes últimos anos. Amigos de verdade, disponíveis, com quem é muito bom estar à mesa (na minha casa ou na deles) pela noite fora, naquela conversa mole que anima as nossas almas.

Ora diga-me lá: há quanto tempo não escreve a um amigo?

A sério, escrever mesmo. Com "papel e tinta, cane-

ta e mata-borrão", como cantava a Tonicha no "Resineiro" de boa memória.

Não são precisos grandes discursos, às vezes duas ou três linhas são o suficiente - exactamente como no postal que recebi ontem.

Um postal a dizer estou aqui, pensei em ti, não estamos sozinhos.

Não sei se conhecem as canções de um brasileiro chamado Oswaldo Montenegro. Basta ir ao Youtube e procurar. Mas, para aqueles que ainda não estão muito familiarizados com essas modernices, vou aqui deixar algumas estrofes de "A Lista", uma das canções dele de que mais gosto e em que devíamos reflectir um pouco.

Aí vai:

"Faça uma lista dos grandes amigos/que você ainda vê todo o dia/quantos você já não encontra mais/faça uma lista dos sonhos que tinha/quantos você desistiu de sonhar/(...)onde você ainda se reconhece/ na foto passada ou no espelho de agora?/ hoje é do jeito que achou que seria?/ quantos amigos você jogou fora?/ quantas mentiras você condenava/ quantas você teve de cometer/ quantos defeitos sanados com o tempo/ eram o melhor que havia em você/ quantas canções que você não cantava/ hoje assobia para sobreviver/ quantas pessoas que você

amava/hoje acredita que amam você?"

Se não nos precavemos, com o andar dos tempos isto é o que acontece a quase toda a gente.

Por isso vamos lá fazer a lista, e chamar os amigos que esquecemos (enquanto os podemos chamar...), e inventar motivos para estarmos juntos (um concerto, uma peça de teatro, um café na Baixa) e para celebrar.

Para celebrar o quê?

Tudo.

Seja o que for.

O nosso dia de anos. O dia da santa do nosso nome. Comprei há um ano uma mesa nova para a minha casa de jantar e ainda não parei de fazer jantaritos com amigos para festejar o acontecimento!

E não esquecer a carta ou o postal. Mesmo que não tenham grandes novidades para dar.

Um dia, teria ele para aí uns sete anos, o meu filho foi de viagem com amigos. "Escreve um postal!", recomendei-lhe imediatamente.

Escreveu.

Assim: "mãe, não tenho nada para dizer, beijinhos".

É o postal que anda sempre na minha carteira, já lá vão quase 40 anos.

É o que eu digo: às vezes bastam meia dúzia de palavras para iluminar os nossos dias.

